

Apresentação do Dossiê - Vivências, diálogos e interculturalidade

Edmar Avelar de Sena

Primeiramente, gostaria de antecipar ao leitor que este volume de breves relatos de viagens, brevíssimos! Viagens que agora se tornaram texto, a memória se fez palavra. Mas porquê esta advertência preliminar? Porque sabemos, de longa data que as palavras não podem conter toda intensidade de uma experiência. O que viram, nossos estudantes do curso de Relações Internacionais da PUC Minas, o que ouviram e o que viveram tornam-se agora testemunho na escritura. Com esta iniciativa provoca, no bom sentido do termo, que você leitor torne-se cúmplice com eles daquilo que intercambiaram, destacando duas coisas convergentes a His(e)tória (*double bind*) vivida nas experiências.

Sendo assim, as experiências contadas nestes textos dizem respeito ao encontro fielíssimo como o Outro, isso mesmo outro com “O” maiúsculo. É a experiência do encontro com a alteridade, portanto com o diferente, com a diversidade. Derrida nos ensina que *autri* é segredo e Otávio Ianni no lembra que a memória é o segredo da história. Escrever, é assim, portanto manter a memória viva e entregar aos outros o segredo da alteridade.

As memórias relatadas aqui neste dossiê demonstram como o intercâmbio é um momento intenso na vida de um estudante, como essa intensidade transforma olhares e produz modos de ser e de entrelaçar as culturas. Viajar é escrever. É deste ato de viajar e escrever que a antropologia encontrou seu caminho e assim foi possível a etnografia.

Esclareço também que escrever é um ato de coragem, é pura coragem, pois escrever é uma forma manifesta da linguagem e linguagem é ontologicamente o lugar onde reside o ser humano, segundo Heidegger é a casa do ser. Nos estruturamos pela linguagem, a memória é linguagem, o inconsciente é linguagem, a cultura é linguagem, a poesia é linguagem. Portanto, ao ler estes relatos não nos aprisionemos nos positivismos do caráter científico da escrita apenas, atentemo-nos para o mais além da palavra. “é poeticamente que habitamos”... Hölderlin.

O que encontraremos nas páginas que seguem: descrições de experiências em várias partes do mundo, do velho continente temos as memórias dos Países Baixos, da Itália, Portugal e Espanha, do Magreb temos a visão das areias do Marrocos, da Ásia a grandiosidade de Taiwan, na mundo novo o Canadá.

O presente dossiê com o relato de viagens dos intercambistas é composto por imagens e memórias, participações em evento acadêmicos, festas e experiências culturais e o objetivo de publicar é circunscrever questões debatidas em sala de aula, especialmente, no curso de graduação de Relações Internacionais, cujo o intuito é focar na motivação para a pesquisa e a extensão. Por diversas ocasiões tomáramos conhecimento uns das pesquisas dos outros, sabíamos da existência de confluências e embora em realidades sócio-político-culturais diferentes a experiência do intercâmbio iria ao encontro da formação mais ampla do internacionalista.

Em qualquer país ou região que tenha se realizado a experiência do intercâmbio essa experiência se deu, por mais diferentes que tenham sido seus recortes e objetos, a presença *in loco* do estudante que se propôs a imergir nessas realidades. Não que uma vez tendo chegado tenham se aconchegados ali, mas se deslocaram, se movimentaram. É que chegar é se relacionar e, em seus deslocamentos encontraram interlocutores. Deslocamentos são experiências significativas porque não se desloca apenas um corpo, não é so um corpo em movimento, é o deslocamento de ideias e concepções de mundo, é o movimento que gira ao redor da diferença e da alteridade, desloca-se cosmovisões.

Assim, entregamos aos leitores, da Revista Fronteiras, uma motivação e um incentivo para que para além de uma viagem encontrem no intercâmbio a possibilidade de deslocar o pensamento de onde os pés pisam para a realidade de onde a vista possa alcançar e nesta visão elaborar as vozes que com certeza os ouvidos estarão ávidos. Portanto, passa pelos sentidos, por isso é experimentar, e se comecei esta apresentação com a palavra experiência, termino com ela, mas com sua última sílaba “cia” que remete ao latim a *entia*, daí ter ciência, tomar ciência, e por fim o objetivo de toda atividade pedagógica e acadêmica produzir conhecimento.

Aos nossos estudantes que contribuíram com sua escrita nossos agradecimentos e aos leitores desejamos uma excelente viagem.